



abralic  
experiências literárias textualidades contemporâneas

## O HORROR CÓSMICO E O POLICIAL EM: "A ESTRANHA MORTE DO PROFESSOR ANTENA"

Bruno da Silva Soares (UFRJ)

biiruman@gmail.com

### RESUMO

o presente estudo tem como objetivo averiguar se na narrativa de Mário de Sá-Carneiro seria possível existirem pontos tangenciais ao enredo de Lovecraft. Partindo de um consenso comum da crítica acadêmica, pode-se entender que o Medo e o Horror se encontram em diálogo com a hesitação ante os fatos da realidade consensual em conflito com a irrupção de uma outra, de teor sobrenatural, considerando assim, o Fantástico como zona limítrofe ou incluído dos gêneros citados. Não obstante, a tradição do romance gótico, quando trata de teor investigativo, surge com a proposta de embate da razão versus o inaudito, marca constante dos textos de Poe e seus sucessores, como Lovecraft e, pela escolha de corpus desta análise, pode-se afirmar de Sá-Carneiro. Assim, a tradição das narrativas detetivescas de Poe é mantida por Sá-Carneiro com o professor Domingos Antena e sua busca espiritual-científica por outras dimensões. A hesitação, traço fundamental para o gênero fantástico, segundo Todorov, se prenuncia, inclusive, no título da obra escolhida para esta análise, indicando também um paralelismo entre o romance policial e o horror. Com uma diegese representando os elementos clássicos da escola de enigmas, um crime, uma investigação e a resolução por método dedutivo, o mistério do enredo parece conter traços pertinentes à estética do horror cósmico, desenvolvida por Lovecraft em seu ensaio *O horror sobrenatural em literatura*. Essa premissa de paralelismo entre estéticas aparentemente díspares pode se tornar possível dentro do campo narrativo quando se identificam no enredo sá-carneriano elementos que são comuns nos enredos lovecraftianos, como a investigação de um suposto evento sobrenatural, coexistência de entidades de fora do mundo empírico e a iminente fatalidade de toda a humanidade.

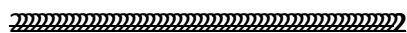
PALAVRAS-CHAVE: H.P. Lovecraft. Mário de Sá-Carneiro. Horror.Medo. Romance Policial. Fantástico

### 1- O Fantástico e o Policial

No caso de *A Estranha Morte do Professor Antena*, a própria escolha do título antevê um de seus temas principais: a percepção de outras dimensões de existência em que mais de um paralelismo, entre a razão empírica e o sobrenatural, percorrem a narrativa. Do que se sucedeu ao professor Domingos Antena, ao pressuposto que o narrador se permite crer e, às lacunas não preenchidas no nível da estrutura textual, tudo são peças de um jogo de adivinhações e o leitor é convidado, senão cobrado, a complementá-las como lhe aprouver – dentro das pistas demarcadas pelo discurso –, para que alguma solução seja aceite em relação à morte do professor.

É desta natureza investigativa que o espaço narrativo faz-se em uma Lisboa cosmopolita, angustiada pelos questionamentos da virada do século XIX e maravilhada pelos do início do século XX, sobre o que é – ou poder-se-ia dizer que é – a realidade empírica, ôntica, em contraposição às crendices e superstições, ainda residuais, na sociedade industrial da época, em busca de porquês que respondessem às perguntas fundamentais do ser. As transformações sociopolíticas que ocorreram dos fins do século XIX ao início do XX, na Europa, demarcam uma singular ferida no imaginário do cidadão europeu: o mal-estar do homem, seja português ou parisiense, aqui como exemplos, ante às aceleradas vicissitudes da época. Se, coube a Portugal a vergonha pelo *Ultimatum* inglês de 1890<sup>1</sup>, à França – donde Sá-Carneiro vivera grande parte de sua vida e produzira a maior parte de seus escritos – cabia a decadência de uma sociedade em que as mudanças proporcionadas pela Modernidade eram tão rápidas, que o crescimento dos centros urbanos traziam malefícios próprios do cotidiano das metrópoles: violência urbana, prostituição, roubos e, conseqüentemente, o medo diante do novo.

Neste ínterim, o surgimento das chefaturas de polícia e das investigações policiais posiciona-se como um bastião do bem-estar social, visando a proteção do cidadão burguês e seu patrimônio. Este outro fator revela-se também importante: a burguesia e sua procura por uma leitura acessível, de fácil assimilação, que acompanhasse a velocidade que a Modernidade demandava, colocou o papel do escritor como uma fonte de renda plausível: agora, podia-se viver de rendas de substratos



<sup>1</sup> A prática do Imperialismo das nações europeias para com a África, levaram a diversos conflitos políticos entre Alemanha, Inglaterra e França. O *Ultimatum de 1890* foi resultado de uma perda territorial a que Portugal fora submetido em um ato que foi um marco de pessimismo e humilhação para o povo português. Perdurou durante muitas décadas este sentimento de perda, e na literatura, Guerra Junqueiro (1850-1923) foi um dos expoentes que melhor a retratou em sua poesia.

literários, cujos temas, para atrair seu público, versavam de relações do cotidiano que o burguês reconhecia como próximo do seu.

Dentre diversas vertentes amplamente produzidas nesta época, o gênero policial destaca-se aqui, por apresentar duas características exímias: a primeira, que é o gênero em seu valor comercial, trata da proximidade que o tema investigativo oferecia ao leitor da época. A produção de romances que levavam aos folhetins mistérios reais não resolvidos ou que apresentavam verossimilhança aos casos célebres ocorridos e de sapiência comum, retratavam uma fidelidade do leitor para com o seu texto, o que se lia, era o que se escutava nos comentários de cafés. A segunda característica condiz com a criação do gênero e outra tendência geral assimilada à época: o cientificismo positivista. As transformações da forma como se percebia o mundo e o aceite das tendências naturalistas, reforçavam a crença nos fatos comprováveis por meio dedutivo, pautado em pistas que trouxessem alguma resolução plausível – ainda que não plenamente certa, mas de alguma forma embasada em fatos concretos ou lógicos – para os males agudos da vida cosmopolita que se abatiam à sociedade Moderna.

Assim, temos que o gênero policial se fez presente no cotidiano do burguês que lia os folhetins diários e que o instigava por apresentar soluções bem elaboradas para crimes que seriam de outra forma impossível. Era a ficção exercendo uma função literária de entretenimento, com um requinte intelectualizado atrativo, em que a resolução do detetive Dupin, de *Os Crimes da Rua Morgue*, de Edgar Allan Poe, davam nascimento ao gênero policial e, respectivamente, à escola de enigmas. Este fato *sine qua non*, revolveria em Sá-Carneiro a condição apropriada para que seus elementos do romance policial aconteçam em *A Estranha Morte do Professor Antena*:

A Côrtes Rodrigues

Mesmo entre o público normal causou grande sensação a morte do Prof. Domingos Antena. Não tanto - é claro - pela irremediável perda que nele sofreu a Ciência contemporânea, como pelo mistério policial em que a sua morte andou envolvida.

Esse automóvel-fantasma que, de súbito, surgira e logo, resvalando em vertigem, se evolara por mágica, a ponto de ser impossível achar dele um indício sequer, embora todas as diligências - e mesmo a prisão dalguns chauffeurs que puderam, entretanto fornecer álbis irrefutáveis - volveu-se logicamente matéria-prima ótima, demais a mais roçando o folhetim, para os diários, então, por coincidência, privados de assunto emocional.

Depois, a figura do Prof. Antena era entre nós popular. O seu rosto glabro, pálido e esguio, indefinidamente muito estranho; os olhos sempre ocultos por óculos azuis, quadrados, e o sobretudo negro, eterno de verão e de inverno, na incoerência do feltro enorme de artista; e os cabelos longos e a lavallière de sede, num laço exagerado - tudo isto grifara bem o seu perfil na retina paspalheira da multidão inferior das esquinas. Entanto jamais um dito grosseiro, dessa lusa grosseira, provinciana e suada, regionalista, que até nesta Lisboa - central, em vislumbres - campeia à rédea solta (e mesmo refina democraticamente) o atingiu nas ruas ou nas praças pelas quais ele era silhueta quotidiana. (SÁ-CARNEIRO, 1995, p.513)

A descrição que o narrador em primeira pessoa fornece ao leitor preocupa-se em elucidar o poder imagético que a figura do professor, homem da ciência empírica e, portanto detentor do saber incontestável que o homem Moderno ansiava, exprime para a sociedade científica lisboense, elevando-o a um nível de admiração tal que, mesmo entre seus pares, o professor era considerado um espécime superior. Atente-se também à pista delegada em seu nome, Antena, caso de premeditação dos fatos principais do enredo: a captação de sinais, de indicadores de outras dimensões da existência. Ademais isto, a constituição física do professor serve de sustentabilidade ao mistério, sendo-a caricatural, taciturna e suspeita.

Outro detalhe elucidativo é a forma textual, que se apresenta na confissão de um discípulo, dito ser o mais próximo e mais brilhante do professor, em um relato sobre fatos ocorridos no passado, mal resolvidos e que definiriam a causa da estranha morte, que, todavia, pelo viés da dedução empírica e análise forense, não apresentaram nenhuma resposta. Delegando ao metaempírico – aquilo que é justificável apenas por dedução não pautada em dados concretos – a possibilidade de resolução do mistério, a narrativa transmuta-se gradativamente de um pensamento positivista, para um intuitivo, da razão forense ao desconhecido, e doravante, com caráter de ficção-ensaio, deparamo-nos com uma tese sobre existencialismo pós-morte, reencarnações em outros planos de existência e estados psíquicos que permitiriam percebermos essas outras dimensões da realidade.

Essas percepções, todavia, contradizem a reconfortante certeza que a realidade empírica transmite, criando abertura para mundos infinitos e seres que dele podem surgir. Quando colocado em conflito quanto à investigar ou não as fórmulas da pesquisa

do professor, seu discípulo vê o perigo iminente que poderia ocorrer, ainda que a satisfação da descoberta viesse colada ao resultado.

A decisão fatídica do professor em ultrapassar o estado *heimliche* para desvendar o *unheimliche* da Quarta Dimensão, representa um dos maiores temores a que Freud afirmou ser inescapável e atemporal: o das forças do desconhecido que transitam pelo universo. É desse medo primitivo, que Lovecraft conduz suas personagens, bem como Sá-Carneiro o fez com Domingos Antena e seu discípulo: a estratégia investigativa de uma personagem a leva ao desconhecido, *unheimliche*, e outra personagem, normalmente protagonista, deve rastrea-la. Gradativamente sendo guiada ao mesmo estranhamento do primeiro detetive, o clímax se dá com a irrupção fenomenal do desconhecido, criando um impacto lacerante na psiquê dessa personagem detetive, de forma a nunca mais conseguir retornar ao estado de banalidade.

Lovecraft, que deixa pistas da influência freudiana em sua formação, traceja paralelos entre a psicanálise e o Horror, calcado também em raízes primitivas do inconsciente humano:

Os primeiros instintos e emoções do homem foram sua resposta ao ambiente em que se achava. Sensações definidas baseadas no prazer e na dor se desenvolveram em torno dos fenômenos cujas causas e efeitos ele compreendia, enquanto em torno dos que não compreendia - e eles fervilhavam no Universo nos tempos primitivos - eram naturalmente elaborados como personificações, interpretações maravilhosas e as sensações de medo e pavor que poderiam atingir uma raça com poucas e simples ideias, e limitada experiência. O desconhecido, sendo também o imprevisível, tornou-se para nossos ancestrais primitivos, uma fonte terrível e onipotente das benesses e calamidades concedidas à humanidade por razões misteriosas e absolutamente extraterrestres, pertencendo, pois, nitidamente, a esferas de existência das quais nada sabemos e nas quais não temos parte" (LOVECRAFT, 2007,p. 14-15)

Ou seja, quando utilizando o raciocínio lógico para averiguar o caso de Domingos Antena seu discípulo percebe que o professor pode realmente ter encontrado um caminho para a Quarta Dimensão, a pergunta final parece-lhe acometer com o Horror: O que teria encontrado o professor Antena nessa suposta Quarta Dimensão que o fizera retornar à realidade consensual e se deixar ser morto por um carro em movimento?

Vê-se na trama que as experiências insólitas do professor Antena representam muito do modelo caricatural do cientista louco, do duplo Dr. Jekyll e Mr. Hyde, enfim, da fronteira de espaço e tempo, rompida pela quarta dimensão, que "funciona como uma porta para o desconhecido, para um mundo outro que seja diferente do nosso conhecido, aberto pelo fator Tempo." (SIMÕES, 2008, p.72)

Essa abertura de que se fala é o impossível tornando-se próximo do conhecimento humano. Há, segundo os estudos de Antena, nessa relação entre as encarnações e a existência empírica, uma valoração da deformação do corpo e da mente, tornando doenças como a epilepsia algo interessante e positivo para a captação dessas outras dimensões. Ou seja, perverte-se com ironia o trato social dado às enfermidades psicopatológicas, e abre-se o leque do inaudito, que é a ciência do início do século XX, numa comparação próxima ao que acontece nos contos de H.P. Lovecraft, em que as personagens, ao descobrirem outros planos de existência, apreendem juntas que talvez certas portas do conhecimento deveriam se manter fechadas, pois a humanidade não estaria pronta para lidar com suas consequências.

As investigações do narrador podem ser interpretadas como uma simples especulação da morte do professor, caso em que não haveria crédito pleno de suas ideias apresentadas, ou pode-se considerar que o experimento de Domingos Antena realmente pode ter acontecido, o que leva a cabo a hipótese que ao narratário é apresentada. Poder optar é assumir que a ambiguidade textual existe, e nos traz à outra discussão, no caso, sobre o que seria crível ou inaudito no caso.

Escolher que as pistas estão tendenciosamente mal formuladas, levar-nos-ia à descrença e explicar-se-iam algumas lacunas no caso: o desaparecimento do professor, seu discípulo ser o único presente no local, o estado em que o corpo se encontrava e nenhum veículo presente na cena, pode-nos indicar que o próprio narrador seria o assassino e fingira o álibi perfeito, mediante situação sem explicação natural, porém, o caráter de confissão pública que o relato assume, e a possibilidade de que os estudos do professor estivessem corretos, já que também há fontes na confissão que poderiam ser averiguadas, deixa em aberto o real fato ocorrido.

Esta faceta de ambiguidade e hesitação, diante de um fato que não obedece à ordem do senso comum, que produz um confronto entre a razão e o sobrenatural, caracterizam, pois o que Todorov considera como essência do gênero fantástico:

Num mundo que é exatamente o nosso, aquele que conhecemos, sem diabos, sílfides nem vampiros, produz-se um acontecimento que não pode ser explicado pelas leis deste mesmo mundo familiar. Aquele que o percebe deve optar por uma das duas soluções possíveis; ou se trata de uma ilusão dos sentidos, de um produto da imaginação e nesse caso as leis do mundo continuam a ser o que são; ou então o acontecimento realmente ocorreu, é parte integrante da realidade, mas nesse caso esta realidade é regida por leis desconhecidas para nós.(TODOROV, 2004, p.30)

No conto, para além de entendermos a relação da hesitação que o enredo produz, entendamos que ambos os gêneros, fantástico e policial, proeminentes no século XIX, apresentam matizes muito próximas ao pensarmos em suas origens. Se de um lado o policial, já amplamente discutido anteriormente, pauta-se na crença depositada na ciência empírica e as suas assertivas sobre os porquês dos acontecimentos naturais ou mesmo causados por ações humanas, o fantástico opunha-se a esta mesma excessiva crença na razão. De fato, parece estranho que conceitos antagônicos provenham da mesma origem, mas sucede-se que o pensamento positivista, ao padronizar que vampiros, fadas, monstros, atos de fé e seus milagres, demônios e outras facetas espiritualistas pertenciam ao que não se pode ser estudado de forma empírica, tampouco negou sua existência *per si*. Apenas delegou-se ao campo do sobrenatural, tudo aquilo que não correspondia ao universo analisável pela forma científicista.

O fantástico passa então a ser o palco de debate para toda essa gama de temas que não encontrava-se cerceada pelas ideias positivistas, o que legou-o à condição de literatura menor. Não obstante, sua condição desprestigiada acabou desempenhando duas funções sociais para além do entretenimento, pelo que nos diz, sobre esta primeira função, Todorov:

Ao lado da censura institucionalizada, existe uma outra, mais sutil e mais geral: a que reina na própria psique dos autores. A condenação de certos atos pela sociedade provoca uma condenação que se exerce dentro do próprio indivíduo, constituindo-se para ele em proibição de abordar certos temas tabus. Mais do que um simples pretexto, o fantástico é um meio de combate contra uma e outra censura: os desmandos sexuais serão melhor aceitos por qualquer espécie de censura se forem inscritos por conta do diabo. (TODOROV, 2004, p.167)

Os tabus da sociedade burguesa, crescentes na *urbe* em conformidade ao surgimento das metrópoles, denunciavam as transgressões da moral, violência brutal e

demais temas polêmicos como a insanidade e diferenças religiosas. Se não eram discutidos em vias sociais, porque não se encontravam ferramentas de saber que dessem conta de tais casos, pela via da literatura fantástica podia-se debatê-los de forma aceitável. Este papel social do fantástico perdurou até que a psicanálise freudiana surgisse para desempenhar de forma clínico-profissional estes temas.

A segunda função social do fantástico tem haver com um embate claro ao ideal da ficção realista tradicional e seu próprio apelo ao cientificismo em negar o imaginário do homem Moderno. Para o teórico português Filipe Furtado:

Com efeito, a denúncia da curiosidade intelectual como perigo a evitar a todo o custo tem sido uma das tónicas ideológicas mais recorrentes na ficção fantástica desde os seus alvoreceres setecentistas. Assim, a investigação científica, crescentemente considerada, sobretudo desde o século XVIII, como via primeira para o domínio do homem sobre a natureza, é aqui objecto de uma inversão interpretativa, transformada em principal factor de dependência perante o que escandaliza a razão e escapa por completo às leis naturais. [...] Desse modo, para além de se ter desenvolvido no alfofre da reacção romântica contra o Iluminismo, o género virá, nas últimas décadas do século XIX e no início do século XX, a ter um surto de fecundidade ímpar, precisamente em paralelo com movimentos esteticistas, decadentistas e outros que, hostilizando o realismo na literatura e nas artes plásticas, visam, de forma mais geral, por em causa ou minimizar o avanço da razão e da ciência. (FURTADO, 1980, p.137)

Assim, quando Sá-Carneiro recorre ao género policial para a construção de *A Estranha Morte do Professor Antena*, valendo-se do carácter ensaísta para a teorização do crime, está na verdade realizando um jogo de interpretação que modaliza o senso comum da época e seduz seu leitor a apreciar um género fantástico de cunho espiritualista ou metafísico e, com isso, transpondo a barreira entre os dois géneros. É a construção estratégica de uma narrativa que se lê de forma ambígua e produz em uma leitura superficial o entretenimento, se lido como o viés policial ou o prazer estético, se apreciado de forma fantástica de teor horrífico, criando assim uma estética consoante à premissa lovecraftiana.

## Referências



BOILEAU, Pierre & NARCEJAC, Thomas. *O romance policial*. Trad. Valter Kehdi. São Paulo: Ática, 1991.

BORGES, Jorge Luis et al. *Literatura Fantástica*. Madri: Siruela, 1985.

FREUD, Sigmund. O estranho. In: \_\_\_\_\_. *História de uma neurose infantil e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FURTADO, Filipe. *A construção do fantástico na narrativa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1980.

\_\_\_\_\_. s.v. "Fantástico (Modo)", *E-Dicionário de Termos Literários (EDTL)*, coord. de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9. Disponível em: <<http://www.edtl.com.pt>>. Acesso em: 14 fev. 2016.

\_\_\_\_\_. s.v. "Fantástico (Gênero)", *E-Dicionário de Termos Literários (EDTL)*, coord. de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9. Disponível em: <<http://www.edtl.com.pt>>. Acesso em: 14 fev. 2016.

LOVECRAFT, Howard Philips. *O horror sobrenatural em literatura*. São Paulo: Iluminuras, 2007.

\_\_\_\_\_. *H.P. Lovecraft - The complete fiction*. Nova Iorque: Barnes & Nobles, 2011.

MARTINS, Fernando Cabral. *O modernismo em Mário de Sá-Carneiro*. Lisboa: Editorial Estampa, 1997.

PIGLIA, Ricardo. "Sobre o gênero policial", in: *O laboratório do escritor*. Trad. Josely Vianna Baptista. São Paulo: Iluminuras, 1994.

REVISTA MATRAGA. Rio de Janeiro: UERJ/Instituto de Letras. Vol. II, nº 4-5, 1998.

SÁ-CARNEIRO, Mário de. *A estranha morte do professor antena*. In: *Obra completa: volume único/ Mário de Sá-Carneiro*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

SIMÕES, Maria João. *A estranha morte do professor Antena*. Posfácio e fixação do texto: Maria João Simões. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.

SOARES, Bruno da Silva. *O modo discursivo fantástico em Mário de Sá-Carneiro*. 2013. 86f. Dissertação (Mestrado em Literatura Portuguesa) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica: teoria da literatura*. Debates. São Paulo: Perspectiva, 2004.

\_\_\_\_\_. A narrativa fantástica. In: \_\_\_\_\_. *As estruturas narrativas*. São Paulo: Perspectiva, 1975.